

Título: A espetacularização da religião na Política Brasileira¹

Roberson Augusto MARCOMINI²

Tiago Del Tedesco GUIOTI³

Mauro Cardoso SIMÕES⁴

Resumo

Ao empreender uma análise do cenário político brasileiro, pretendemos trabalhar com três elementos que vão servir de trilhas para uma análise fenomenológica: comunicação, religião e a política no Brasil. Para isso, nos pautaremos por uma obra que vai nos permitir a construção do nosso argumento: “A sociedade do Espetáculo” de Guy Debord. Deste modo, seja usando emissoras de televisão, propagandas, redes sociais, rádios e eventos grandiosos, a religião ou algumas vertentes religiosas possuem grande aparato civil, ideológico, moralizador e principalmente político nos dias atuais no Brasil. Nosso objetivo é atravessar as trilhas da comunicação, política e religião para entender este caminho que passa o cenário brasileiro. Entendemos que a religião se manifesta no âmbito privado e também no público-político, pois a forma que o indivíduo percebe-se no mundo será sua forma de ação nesse mundo. E quando essa ação é política, os meios de comunicação impulsionam a religião.

Palavras-chaves: Espetáculo; Religião; Política.

¹ Trabalho apresentado na XII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial (Eclesiocom), realizada na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 17/8/2017

² Mestre pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas - UNICAMP (Faculdade de Ciências Aplicadas) robersonmarcomini@yahoo.com.br.

³ Mestre pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas - UNICAMP (Faculdade de Ciências Aplicadas) tiagodtedesco@hotmail.com.

⁴ Professor da Faculdade de Ciências Aplicadas – UNICAMP e do Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas mauro.simoes@fca.unicamp.br.

1. **Introdução**

Neste artigo ao trabalhar com a espetacularização da religião na política brasileira, queremos abordar as relações atuais entre religião e política, e investigar, conceituar e analisar como a política se utiliza da espetacularização dos discursos religiosos que abrigam certa moralidade, retóricas e crenças religiosas e, com isto, minam o avanço de questões que afetam o bem comum na esfera pública. A intenção é criticar, e sendo fiel ao seu significado, selecionar uma parte desta utilização da política para fins religiosos e espetáculo. Este espetáculo vai ao encontro com o conceito de Debord (1967), pois escolhemos sua obra para iluminar nosso trabalho quando o poder espetacular está na disseminação em nossa vida social, e uma crítica a uma sociedade capitalista que transforma imagens em mercadorias.

A espetacularização fica mais evidente no período eleitoral, porque o discurso religioso, técnicas de marketing e alienação passam imagens espetaculares, pois com a força de programas dos diferentes candidatos apresentando suas ideias e futuras ações, o Brasil se vê às voltas com a problemática das crenças religiosas misturadas às posturas éticas e políticas dos candidatos e dos eleitores. Poucas pessoas fazem uma análise na qual as atenções às propostas políticas dos candidatos sejam submetidas ao bem comum e às condições reais de possibilidade concreta de suas propostas.

Ao realizarmos uma pesquisa com ferramentas fenomenológicas, procuramos ser fiéis ao seu melhor significado, pois fenomenologia é uma palavra de longa trajetória. Sabemos bem que sua origem é grega, composta por duas outras: “fenômeno” - que significa aquilo que se mostra e, não somente aquilo que se aparece ou parece e, “logia” (logos) que tem muitos significados para os gregos, tal como: palavra, pensamento (BELLO, 2006). O significado de fenômeno vem da expressão grega *fainomenon* e deriva-se do verbo *fainestai* que quer dizer mostrar-se a si mesmo. Com isto só tem a enriquecer nossa pesquisa, pois refere-se ao “estudo dos fenômenos, daquilo que aparece a consciência, daquilo que é dado a partir de si. Agora como método de

pesquisa, a fenomenologia é relativamente nova, tanto que não a impede de ser uma forma radical de pensar.

Acreditamos que este método de pesquisa, buscando o modo como ele se volta para esse fenômeno, ou seja, sua intencionalidade diante da vivência.

Pesquisa fenomenológica parte do cotidiano, da compreensão do modo de viver das pessoas, e não de definições e conceitos, como ocorre nas pesquisas desenvolvidas segundo a abordagem positivista. Assim, a pesquisa desenvolvida sob o enfoque fenomenológico procura resgatar os significados atribuídos pelos sujeitos ao objeto que está sendo estudado. As técnicas de pesquisa mais utilizadas são, portanto, de natureza qualitativa e não estruturada (GIL, 2008 p.15).

2. Religião e Política: seu conceito e sua imbricação

Nesta parte abordaremos o conceito de Estado e Religião e suas imbricações. Acreditamos que não é uma tarefa fácil a utilização do termo Estado e, assim, podemos considerá-lo como a sociedade perfeita, o ponto de chegada da vida do homem em sociedade (MONDIN, 1980, p.124). Acreditamos ter sido o pensador realista Nicolau Maquiavel quem introduziu o termo “Estado” na literatura política (MEINECKE, 1984, p. 29). Segundo Kristch (2004, p.103), a palavra *stato* pode ter sido introduzida na literatura política por Maquiavel e talvez não havia, antes dele, quem tenha escrito de modo tão direto sobre a lógica do poder. Deste modo, Maquiavel recusa-se a apoiar a distinção entre Estado justo e Estado injusto, pois a sociedade está aberta ao acontecimento, à diversidade. Sendo assim, a realidade está em constante movimento e os fatos não se fecham em uma só significação.

A palavra “Estado” se impôs através da difusão de *Il Principe*, de Nicolau Maquiavel. Existem pensadores contrários à nossa concepção de que a palavra tenha sido introduzida pelo nosso autor no século XVI, pois o mesmo não poderia ter escrito a palavra em questão se esta não fosse de uso corrente em sua época.

A questão de saber se o Estado sempre existiu ou se se pode falar de Estado apenas a partir de uma certa época é uma questão cuja solução depende unicamente da definição de Estado da qual se parta: se de uma definição mais ampla ou mais estreita. [...] O problema real é saber se existem analogias e diferenças entre o assim chamado Estado moderno e os ordenamentos políticos precedentes (BOBBIO, 2000, p. 69).

Sendo assim, entender se o Estado sempre existiu é um aspecto importante da reflexão política e nos possibilita avaliar a perspectiva histórica e suas analogias.

Iniciando o conceito religião, segundo Leinkauf (2014) observamos vários pensadores tratando do conceito, como Nicolau de Cusa e Ficino. Eles aprenderam de Cícero que *religio* poderia ser um nome derivado de vários verbos: (1) de *religare*, que é religar; (2) de *relegere*, que é reler; ou (3) de *religere* ou *recoligere*, que é recordar, lembrar – em todas essas alternativas se tem algo em comum, que é a modalidade reflexiva ou reflexo de uma ação.⁵ Associando *religare*, *relegere* e *religio*, em seu Comentário (Epítome) sobre o Eutifrão, de Platão, Ficino (OPERA, fol. 1.135) escreve: “Nos ipsos relegendo religantes Deo, religiosi sumus” – somos religiosos, pois, ao relermos (a Sagrada Escritura), somos religados a Deus.

A compreensão da imbricação da religião na política parece ser um caminho extremamente relevante. O significado da palavra imbricar que significa: dispor ou ficar disposto do mesmo modo que as telhas de um telhado, e simboliza o que queremos abordar neste artigo, pois o que neste momento buscamos é “instrumentalizar” o método maquiaveliano. É na Roma antiga que os oráculos “começaram a falar como os poderosos, e essa falsidade foi descoberta pelo povo, os homens se tornaram incrédulos e apropriados para perturbar qualquer ordem boa” (DISCURSOS I, 12).

Desbravando o lado da política na antiguidade encontramos Aristóteles que em sua obra *Política* demonstra que a finalidade do “*Pólis*” é a felicidade; assim, para ele,

⁵ CÍCERO, De natura deorum II 28, 72: “Qui autem omnia quae ad cultum deorum pertinent diligenter retractarent et tamquam relegerent, sunt dicti religiosi ex relegendo”.

bem viver é sempre venturoso e com virtude. Segundo Chauí (2000) trata-se do último período da Filosofia antiga, quando a *pólis* grega desapareceu como centro político; os filósofos dizem, agora, que o mundo é sua cidade é que são cidadãos do mundo.

A influência será sentida pelo pensamento cristão, que começa a formar-se nessa época: estoicismo, epicurismo, ceticismo e neoplatonismo. Com relação ao neoplatonismo verificamos a influência forte na baixa escolástica pela mediação dos santos padres da Igreja, em particular Santo Agostinho. Segundo Gilson (1995 apud SIMÕES, 2015, p. 140), “a ética de Agostinho forma uma só com a sua metafísica e a sua religião. O conhecimento ético é um caso particular da iluminação divina, que é, ela própria, um efeito das ideias divinas”.

Todos aqueles que se ocuparam com o estudo da vida política, e a história está cheia de exemplos que os apoiam, concordam em dizer que quem quiser fundar uma república e lhe dar leis, deve pressupor que todos os homens são maus, e que usarão da maldade de seu ânimo todas as vezes que tiveram a ocasião (BIGNOTTO, 2008, p. 92). Antes mesmo de Hobbes, que afirmava que, o homem é mau por natureza, e pretende obter o proveito máximo com base do menor esforço, Maquiavel já constatava a propensão do homem ao mal, ao erro e, por isso, ao analisar a ação política sua opção foi pela descrição da verdade efetiva das coisas, não se preocupando em ocultar o que se faz e não se costuma dizer.

3. A Espetacularização da Religião na Política

Nesta parte queremos tratar da espetacularização da Religião na Política, e o pensador que vai nos ajudar a trilhar este caminho é Guy Debord (1967), filósofo, cineasta e crítico cultural francês que antecipa uma crítica moderna da sociedade de consumo em uma perspectiva de “espetáculo”. Precisamos entender que Debord cunhou a expressão “sociedade do espetáculo” para um tipo de cultura da mídia que estava sendo desenvolvida no século XX e hoje, no século XXI, permanece latente seu conceito da sociedade de espetáculo. O livro reúne diversas teses, e o que abordaremos

é o fenômeno religioso contemporâneo, e principalmente, a alienação espetacular, a mercadoria como espetáculo e o triunfo da aparência.

A proliferação de pessoas mediadas por imagens e a facilidade aos meios de comunicação de massa, tornou acessível a todos, com isto a religião também se adaptou, renovou e tudo aparenta ser feito para produzir uma alienação espetacular, até o seu anúncio. Um exemplo é a moral religiosa, que se coloca divina e absoluta, e só pode ser contemplada e obedecida.

Historicamente, a religião institucionalizada opôs-se veemente ao entretenimento, como no exemplo de pregação de João Crisóstomo (354-407), e como se constata pela frequente repressão e censura religiosa que marcou a separação entre o mundo secular e a religião tradicional, ao longo de toda a Idade Média, e se disseminou principalmente entre os protestantes puritanos. Estes se notabilizaram pelas objeções às expressões populares, tais como dramatizações, canções, danças, jogos e festas sazonais. Entretanto, em meados do séc. XIX, teve início uma ruptura com essa postura histórica em relação ao entretenimento. Isso coincidiu com o surgimento de um grande número de novas denominações religiosas, que passaram a disputar os fiéis como estabelecimentos comerciais concorrentes que disputam clientes (RAMOS, 2005, p 218).

A intenção desta alienação espetacular é submeter a si os homens vivos, como produtores de imagem, a imagem é o subproduto da espetacularização e na medida em que a economia já os submeteu totalmente. O problema na questão da imagem é tornar a sensível por excelência, assim não temos um conjunto de imagens, “mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens” (DEBORD, 1997, p.14). Em nossa sociedade não podemos que a imagem ganhe um estatuto de independência em que ela verdadeiramente representa, tornando assim a cópia maior que o original.

Por esse movimento essencial do espetáculo que consiste em retomar nele tudo o que existia na atividade humana em estado fluido para possuí-lo em estado coagulado, como coisas que se tornaram o valor

exclusivo em virtude da formulação pelo avesso do valor vivido, é que reconhecemos nossa velha inimiga, a qual sabe tão bem, à primeira vista, mostrar-se como algo trivial e fácil de compreender, mesmo sendo tão complexa e cheia de sutilezas metafísicas, a mercadoria. (DEBORD, 1997 p.27).

Conforme afirma Debord, o elemento articulador é o espetáculo, pois seu papel estabelece mediações em diversas realidades e campos sociais como: religião, política, a economia e cultura. E entrando no campo da religião e política, podemos observar a espetacularização que se faz a participação do fenômeno religioso na política, pois ficou transparente a influência junto aos governos. Chegamos a ouvir políticos que realizaram decreto de entrega de chave da cidade a Deus⁶.

Algumas lideranças religiosas que organizam em suas redes de relações, indicando alguns nomes de candidatos para eleições municipais, estaduais e federais. A religião não é apenas um fenômeno individual separado das relações sociais, mas está entrelaçada na rede de interesses e conflitos sociais, estabelecendo conexão com lutas de classes e ideologias. Pois as instituições religiosas são frutos dos contextos históricos e sociais.

Entendemos que a religião se manifesta no âmbito privado e também no público, pois a forma que o indivíduo se percebe no mundo será sua forma de ação nesse mundo; assim também, a forma como percebe o outro determinará as relações com este outro. Percebendo que as lideranças religiosas são agentes de mudanças sociais e políticas, pois promovem certo tipo de comportamento social, e pelo fato desta colaborar com os mecanismos de dominação social, e assim, fortalecer o modelo de sociedade capitalista, tornando o povo religioso (BOURDIEU, 2004, p. 32).

Daí a relevância de analisar os discursos de lideranças religiosas em ano eleitoral sobre as campanhas políticas e discursos políticos inflamados. De certa forma o

⁶ Leia mais em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/01/1846630-em-decreto-prefeito-baiano-entrega-a-chave-da-cidade-a-deus.shtml>.

pronunciamento dos líderes religiosos são norteadores para as tomadas de decisões que, segundo eles, devem sempre ser respaldadas nos princípios da ética cristã⁷.

4. Considerações Finais

É sempre um desafio falar de política e a religião na atualidade, trilhando o caminho da espetacularização, principalmente se partimos da afirmação costumeira e arraigada na mentalidade contemporânea por meio da frase “Religião e Política não se discute”; este desafio assume um caráter controverso quando vemos na esfera política, manifestações de que políticos estariam “misturando religião e política” ou, ainda, quando observamos políticos apresentando-se como fiéis de uma determinada religião e propondo a defesa da moralidade religiosa de tal credo religioso.

Entendemos que a imagem que o político quer transmitir hoje não é simplesmente uma atuação efetiva de um discurso como líder religioso, mas depende muito de cada contexto e à serviço de quem eles estão dentro da conjuntura social.

Analisando o aparente declínio das influências religiosas no mundo moderno, surgiram várias tentativas de definição da realidade, empenhadas em conseguir a adesão dos indivíduos, aparentando uma imagem moralista.

A potencialização do espetáculo se dá a partir da mídia atual que representa uma ampliação da esfera privada, originada na Europa do século XVIII, mesmo com as constantes ameaças de mercantilização cultural e de invasão dos interesses privados.

Destaque-se, ao final, que o discurso religioso alcança contornos significativos em períodos eleitorais, pois além dos programas dos diferentes candidatos apresentando suas ideias e futuras ações, o Brasil se vê às voltas com a problemática do simulacro e das crenças religiosas misturadas às posturas éticas e políticas dos candidatos e dos

⁷ As igrejas se tornaram protagonistas na mídia em duas situações claras: o destaque dado à candidata Marina Silva, evangélica, que teria captado bom número de votos entre os evangélicos por conta desta condição; e a inserção de valores religiosos na discussão sobre descriminalização do aborto e concessão de direitos às pessoas homossexuais. Leia mais em: <https://www.ecodebate.com.br/2010/10/21/midia-religiao-e-eleicoes-entrevista-com-magali-do-nascimento-cunha/>.

Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento/Universidade Metodista de São Paulo
XII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial
Pontifícia Universidade Católica - Campinas, 17/8/2017

eleitores. Neste sentido, poucas pessoas fazem uma análise na qual as atenções às propostas políticas dos candidatos sejam submetidas ao crivo do bem comum e às condições reais de possibilidade concreta de suas propostas.

5. Referências

BELLO, A. A. **Introdução à Fenomenologia**. Tradução: Ir. Jacinta T. Garcia e Miguel Mahfoud. Bauru-SP: Edusc, 2006. 108p. (Coleção Filosofia e Política).

BIGNOTTO, Newton. **A Antropologia Negativa de Maquiavel**. *Analytica*, Rio de Janeiro, vol. 12, n. 2, p. 77-100, 2008. Acessado em 09/06/2016.

BOBBIO, N. **Estado, governo e sociedade: para uma teoria geral da política**. Trad. Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. 5. Ed. Coleção Estudos, São Paulo, SP: Perspectiva, 2004.

CHAUÍ, Marilena. **Convite a Filosofia** – São Paulo: Editora Ática, 2000.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social** / Antonio Carlos Gil. - 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

DEBORD, GUY (1997). *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.

ECODEBATE. **Mídia religião e eleições entrevista com Magali do Nascimento Cunha**. Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2010/10/21/midia-religiao-e-eleicoes-entrevista-com-magali-do-nascimento-cunha/> Acesso em 04 de Jan 2017.

Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento/Universidade Metodista de São Paulo
XII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial
Pontifícia Universidade Católica - Campinas, 17/8/2017

KRISTCH, R. Rumo ao Estado moderno: as raízes medievais de alguns de seus elementos formadores. **Revista de Sociologia Política**, Curitiba, nº 23, p. 103-114, nov. 2004.

LEINKAUF, Thomas **O conceito de religião no início da filosofia moderna, três exemplos**: Maquiavel, Cardano e Bruno. **Conjectura: Filosofia e Educação**, Caxias do Sul, v. 19, n. 3, p. 14-35, set./dez. 2014
<http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/viewFile/2854/pdf_290>

Acesso em 11 janeiro 2016.

RAMOS, Luiz Carlos. **A pregação na idade média. Os desafios da sociedade do espetáculo para a prática homilética contemporânea**. Tese de doutorado em Ciências da Religião. Universidade Metodista de São Paulo – UMESP, São Bernardo do Campo, 2005.

MAQUIAVEL, N. **Comentários sobre a Primeira Década de Tito Lívio**. Trad. Sérgio Bath. Brasília: Editora UnB, 1979.

MEINECKE, F. **Machiavellism. The doctrine of “Raison d’État” and its Place Modern History**. London: Westview, 1984.

MONDIN, B. **Introdução à Filosofia**: problemas, sistemas, autores, obras. Tradução de J. Renard. São Paulo: Paulus, 1980.

SIMÕES, Mauro Cardoso. **Os caminhos da reflexão metafísica: fundamentação e crítica**. Curitiba: InterSaberes, 2015.